

---

## BATISMO DE SANGUE: RESISTÊNCIA DA PALAVRA CONTRA A DITADURA NO BRASIL

Breno Ricardo da Silva Velasco<sup>1</sup>  
Edvaldo Santos Pereira<sup>2</sup>  
Regina Barbosa da Costa<sup>3</sup>

**Resumo:** O artigo é resultado de análise dos aspectos sociopolíticos abordados na adaptação fílmica *Batismo de sangue*, produzida em 2007 por Helvécio Hatton, cujo conteúdo foi baseado em parte do livro testemunhal *Batismo de sangue: guerrilha e morte de Carlos Marighella*, de Frei Betto, publicado em 1982; uma narrativa verídica, com exemplos de alguns elementos ficcionais. O conteúdo proposto põe à mostra o cinema de resistência no Brasil, focalizando o período ditatorial, contexto no qual as personagens do livro-testemunho e do filme-arquivo relatam os acontecimentos violentos, de ameaça e tortura, impostos às vítimas que se opunham ao sistema então vigente.

**Palavras-chave:** Cinema de resistência, Batismo de sangue, obra como resistência.

**Abstract:** The presented article proposes the analysis of the social-political aspects approached on the film adaptation *Batismo de sangue* (Helvécio Hatton, 2007), whose testimonial content comes from the (testimonial) book *Batismo de sangue: guerrilha e morte de Carlos Marighella* (Frei Betto, 1982), examples of veridical narrative with some fictional elements. The subject proposed for analysis refers to the dictatorial period in Brazil, context in which the characters from the testimonial-book e from the archive-film describe the facts about threat and torture imposed to the victims who would oppose to the system in vigor.

**Keywords:** Cinema of resistance, Batismo de sangue, workpiece as resistance.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Letras – Estudos Literários na UFPA. E-mail: thaekhs@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Mestrando em Letras – Estudos Literários na UFPA. E-mail: edvaldospereira@bol.com.br

<sup>3</sup> Mestranda em Letras – Estudos Literários na UFPA. E-mail: anygger@yahoo.com.br

## 1. INTRODUÇÃO

O presente texto abordará alguns dos aspectos ligados à narrativa de resistência que estão presentes no filme *Batismo de sangue*, direção de Helvécio Ratton, baseado no livro *Batismo de sangue: guerrilha e morte de Carlos Marighella*, de Frei Betto. A obra será analisada por meio de referencial teórico voltado especificamente para os temas da violência e da resistência, em paralelo com a descrição de excertos que evidenciem as ideias propostas.

Na efetivação do processo de análise dos pontos comuns entre as obras compostas de filme e livro, alcançaremos também alguns degraus dos estudos da literatura comparada, que prevê um “além-fronteiras” que contempla o estudo das relações entre a literatura e as diferentes áreas do conhecimento, promovendo uma maior relação com “outras esferas da expressão humana” (Coutinho, Carvalhal, 1994, p. 175).

Seguindo um roteiro que revive o trauma testemunhado por vítimas que resistiram ao confronto durante o governo militar no Brasil, alguns questionamentos serão levantados, dentre eles sugerimos a questão dos princípios valorativos do bem e do mal, que por vezes são tendenciosos quando possuem finalidades elucidativas, e também a questão do discurso e arquivos reeditados como suporte para favorecer certos pontos de vista.

Arte e realidade se encontram para reviver aos que conhecem ou mostrar aos que não conhecem, parte de uma história de resistência, por meio de uma versão que poderá ou não corresponder às expectativas do público como expectador ou leitor, formado por diversas categorias e que apresentam particularidades éticas dispares e, por este motivo, podem ou não demonstrar o sentimento de indignação ante a exposição de fatos nebulosos de nossa história.

É corroborando com o pensamento de Fredric Jameson, quanto à referência da história de classes, que insistimos na ideia que “o avesso da cultura é sangue tortura, morte e terror”; sendo esse avesso a representação da oposição ao regime militar que se manteve no Brasil durante duas décadas.

## 2. LIVRO E FILME: UMA TRAJETÓRIA DA MEMÓRIA

Do livro *Batismo de sangue: guerrilha e morte de Carlos Marighella*, de Frei Betto, uma das obras clássicas das leituras sociológicas, políticas e religiosas do Brasil, foi produzida a obra fílmica *Batismo de sangue*, sob a direção de Helvécio Ratton, constituindo uma forma de categorizar a resistência. O título do filme é uma deturpação da ideia de batismo no sentido religioso, pela representação depreciativa de torturadores que se utilizavam de simbologias religiosas para cometerem atrocidades físicas e psicológicas contra frades dominicanos, participantes ativos em movimentos de resistência ao regime militar, na tentativa de transformar uma vida de fé e religiosidade.

A narrativa cinematográfica focaliza o período ditatorial no Brasil desde seu início até 1974, tendo como protagonista a personagem Frei Tito, que foi preso e torturado pelo seu envolvimento com movimentos subversivos, como eram chamados pelo governo da época, até ser mandado ao exílio na França, onde se suicidou. Por ser um longa-metragem de re-

construção imagético-sonora, o material referido servirá, *a priori*, como aporte às referências teóricas que tratam de violência, resistência e conhecimento de tais fatos.

Na obra nota-se o trauma sofrido pelos indivíduos que foram vitimizados ou que tiveram conhecimento dos testemunhos de vítimas da opressão, principalmente, nas narrativas que tentam resgatar uma versão ocultada pelas forças de repressão do governo militar.

### 3. RECAPITULAR ALÉM DAS OBRAS

No ensaio *Testemunho como construção da memória*, a pesquisadora Livia Reis, da Universidade Federal Fluminense, propõe que “[r]eviver e narrar são formas de resistência à brutalidade e injustiças de um passado que não se quer ver no futuro” (Reis, 2007, p. 84), ideia que releva abordagens mais profundas de como manifestar o testemunho vinculado a traumas (até mesmo a nível coletivo), para além do simples resgate historiográfico como forma de memorialismo. Isso suscita outro questionamento, de cunho ético, a ser abordado: há uma versão verídica que se fundamente nos princípios valorativos de *bem e mal*, mas que não seja tendenciosa em suas finalidades elucidativas? De que outra forma, o discurso, assim como os arquivos passíveis de (re)edição, podem ser manifestados de modo parcial, a favorecer certos pontos de vista? Essas e outras discussões podem ser encaminhadas com base em textos literários e fílmicos como verdades parciais sujeitas a interpretação e/ou adaptação do artista que as promove.

É crucial situar o contexto histórico e os principais fatos que tiveram relação com movimentos de resistência organizados no Brasil que se iniciaram ao final da década de 1950 e continuaram durante a década seguinte. Ainda no auge da Guerra Fria, muitos países sul-americanos passaram por intensas transformações políticas e, conseqüentemente, sociais. Com a crescente “ameaça” de que outros países adotassem os padrões do comunismo russo (Cuba já sofrera a revolução socialista em 1959, liderada pelo guerrilheiro Fidel Castro), os EUA passaram a apoiar governos de ideologia capitalista com o propósito de evitar a expansão do socialismo, embora haja outros tantos motivos não relevantes para a abordagem aqui especificada. O envolvimento político-econômico americano ocorreu em outros países, como no Chile, onde o golpe militar de 1973 contou com suporte estratégico dos ianques para desestabilizar as medidas do governo socialista de Salvador Allende.

A deposição de João Goulart, em 1964, marcou o início do regime ditatorial. Os meios de comunicação sofreram censuras e indivíduos contrários ao governo passaram a ser investigados, vigiados e, como em muitos casos, capturados para interrogatório. Ainda no fim da década de 1960, pouco após a aprovação do Ato Institucional número 5 (13 de dezembro de 1968), muitos manifestantes envolvidos com movimentos esquerdistas, ainda que indiretamente, foram considerados terroristas e procurados por determinados setores da polícia ligados ao governo, e usados como aparelhos de repressão. E como aparelho de repressão, a polícia teve a liberdade (ou ordem?) de usar métodos de tortura física e psicológica para obter informações sobre grupos contrários ao modelo político vigente (movimentos estudantis, sindicais, armados), como argumenta Antonio Candido no artigo *A verdade da repressão*:

A polícia aparece então como um agente que viola a personalidade, roubando o homem os precários recursos de equilíbrio de que usualmente dispõe: pudor, controle emocional, lealdade, discricção, dissolvidos com perícia ou brutalidade profissionais. Operando como poderosa força redutora, ela traz à superfície tudo o que tínhamos conseguido reprimir, e transforma o pudor em impudor, o controle em desmando, a lealdade em delação, a discricção em bisbilhotice trágica. (Candido, 1980, p. 3)

Enquanto conjunto de ideias ou pensamentos de uma pessoa ou grupo de indivíduos percebe-se, em *Batismo de sangue*, o conflito entre manifestações contrárias de pensamento que, segundo Marx, ligava-se aos sistemas teóricos (políticos, morais e sociais) criados pela classe social dominante, com objetivo de manter o controle da sociedade, tendo sua representação vinculada ao sentido de *bem* e de *mal*, sob pontos de vista de ângulos opostos, conforme concepções também diferenciadas em relação à manifestação autoritária do poder de um sistema que se impõe sem aceitação das divergências de oposição a ele. Na luta entre os contrários, a relação estabelecida entre bem e mal acontece segundo princípios e ideais que se opõem, sendo dessa forma, admitido como bem aquilo que se considera como mal para outrem, e vice-versa.

Com a divisão do mundo em dois grandes blocos ideológicos após a Segunda Guerra Mundial; sendo um liderado pelos Estados Unidos, incentivando o capitalismo; e outro liderado pela extinta União Soviética, incentivando o temível comunismo, a América Latina tornou-se um dos espaços para essa disputa. Ambos os sistemas tinham por base oferecer melhores condições de vida, sendo que o primeiro privilegiava a iniciativa privada, e o segundo, a hegemonia do poder estatal sob os meios de produção. Cada um dos sistemas representava o bem para a humanidade, segundo suas próprias convicções, sendo o outro a representação do mal.

A influência dos Estados Unidos como nação hegemônica na América alimentava a crença de que era preciso lutar para que não houvesse mudança ideológica, sobretudo nos países latino-americanos. Sob essa perspectiva, o impedimento à liberdade da criação artística tornou-se um mecanismo de defesa, visto que “[A]ssistir a um filme, andar em meio a uma multidão urbana, trabalhar com uma máquina: são todas experiências de ‘choque’ que despem a ‘aura’ dos objetos e das experiências...” (Eagleton, 2011, p. 114)

O exercício da violência como prática de um poder totalitário que cerceia a liberdade daqueles que, tendo diferente visão dos “bons princípios”, surgiu como forma de manutenção da ordem. A afirmação de que “onde um domina absolutamente, o outro está ausente” (Arendt, 1994, p. 44) e, no choque de verdades absolutas, a representação do bem manifesta no autoritarismo de um sistema que nega a viabilidade de convívio pacífico entre ideias que se opõem, nada mais é do que inibir, sob o pretexto de representação do mal, a ameaça de surgimento de novas possibilidades de pensamento.

O domínio absoluto de um regime com base no autoritarismo impôs-se de forma violenta, na tentativa de impedir qualquer manifestação contrária. Reconhecer que a existência dessas forças antagônicas não depende somente de princípios pré-estabelecidos, mas da percepção de que “[V]iver a diferença não é postular abstratamente uma identidade ou uma

igualdade natural, é reconhecer que existe uma desigualdade essencial, como existem paixões múltiplas mas complementares ou opostas” (Maffesoli, 1987, p. 93). Assim, a ideia de uma identidade em formação contínua é levantada por Maffesoli como um processo que se refaz no decorrer da própria existência humana, passível de modificação constante, livre de qualquer imposição.

Nesse sentido, o reconhecimento de diferenças e respeito a valores culturais diversificados que representam uma identidade híbrida que caracteriza o brasileiro, está aquém do direito universal da liberdade, tolhida por um regime totalitário, que não admitia a existência e disseminação de princípios ideológicos que se opunham a ele. Tal condição pode ser observada em *Batismo de sangue* na perseguição e morte de Carlos Marighella, como forma de extinguir um movimento de resistência pela extinção de seu líder.

#### 4. A RESISTÊNCIA NA OBRA DE ARTE

Na trajetória do livro ao filme, algumas questões inerentes ao processo literário devem ser consideradas como fatores que irão caminhar para a reflexão da categoria resistência na obra de arte. Alfredo Bosi ao suscitar essa questão em *Narrativa e resistência* considera que a “escrita resistente decorre de um conceito ético, [que propõe] um sentimento do bem e do mal, uma intuição do verdadeiro e do falso, que já se pôs em tensão com o estilo e a mentalidade dominantes” (Bosi, 1996, p. 22). E acrescenta que “[P]ara condenar um ato como injusto, é indispensável, ao ser ético, saber se, efetivamente, o seu sentimento de indignação está fundado em uma percepção correta dos fatos e das intenções dos sujeitos” (Bosi, 1996, p. 14).

Bosi, ao refletir sobre a categoria resistência, resgata as origens, no Brasil, desse processo na literatura, lembrando escritores da geração de 1930, que concebidos como engajados ou empenhados desenvolveram de certa forma esse papel de resistentes ao longo do processo histórico e literário brasileiro. Contudo, é preciso lembrar que o processo artístico lida com as forças do conhecimento que promovem a intuição, a imaginação, a percepção e a memória, dessa forma é que para o artista “valores e antivalores não existem em abstrato, isto é, absolutamente” (Bosi, 1996, p. 14); para ele, esse processo aparece como uma espécie de face. É por isso que a apresentação deste sombrio período da história brasileira, retratado no filme *Batismo de sangue*, e visualizado no documentário *Brasil: museu da tortura*, tende a mostrar uma versão que pode ou não corresponder às expectativas do público, independente de certo ou de errado, considerando que o público expectador ou leitor é formado por diversas categorias que conservam determinadas particularidades éticas.

Escrever “resistente” requer não só domínio no campo linguístico, mas um conhecimento pautado em sentido amplo, que comunique um imperativo moral, se esta for a intenção da arte, desmistificando certas faces ocultas que são percebidas pela sensibilidade de uma percepção artística. Na argumentação de Bosi, a “escrita resistente não resgata apenas o que foi dito uma só vez no passado distante e que, não raro, foi ouvido por uma única testemunha” (Bosi, 1996, p. 19), mas envolve uma série de fatores que contribuirão para essa verdade. Dessa forma é que a narrativa escrita ou fílmica apresenta a vida dita verdadeira, de forma que esta poderá ou não abranger e/ou transcender a vida real, considerando ainda

que a literatura, concebida como ficção, poderá resistir à mentira e que da fantasia poderá brotar a verdade.

Com suporte em pesquisas mais recentes de Márcio Seligmann-Silva, que toma como base os conceitos de *literatura de testimonio* e argumenta as ideias de discurso e teor testemunhais de diversos autores da área, este artigo propõe breve menção à categoria de trauma e sua relação com a narrativa testemunhal dos eventos traumáticos, ligadas ao momento histórico mais abrangente. Na América Latina, “o conceito de testemunho adquiriu uma centralidade enorme no contexto da resistência às ditaduras que assolaram o continente” (Seligmann-Silva, 2008, p. 74), sendo abordado como uma das formas (da tentativa) de compor os processos e elementos experienciados. A narrativa de resistência possui a visão de quem sofrera os fatos, vítimas que constroem memórias históricas através de seu testemunho, narrando mais do que os principais eventos políticos e coletivos vividos; retratam o trauma mais individualizado causado por tais eventos.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O filme *Batismo de sangue* é uma demonstração de violência e crueldade em decorrência da implantação do sistema ditatorial no Brasil, que se iniciou em 1964 e estendeu-se por vinte anos. A pressão exercida pela censura impedia manifestações políticas e culturais que se confrontavam aos princípios políticos de um regime que, em nome de uma falsa democracia, exercia a opressão, demonstrada na obra fílmica que, embora de forma ficcional, tem base em fatos reais expressos no livro de mesmo nome. A crueldade narrada no livro é explicitada no filme em cenas fortes, que aproximam o espectador da realidade vivida naquele período.

É um filme no qual a violência e crueldade surgem em decorrência da implantação do sistema ditatorial no Brasil, que se iniciou em 1964 e estendeu-se por vinte anos, instalado sob o (pre)texto de garantir a “ordem e o progresso” estabelecidos pelo capitalismo, na tentativa de impedir a qualquer custo a proliferação do comunismo que chegara à América em Cuba (se é que assim é possível denominar a revolução cubana que levou Fidel Castro ao poder em 1959), após expandir-se pela Europa oriental.

A luta contra os opositores ao novo governo apoiava-se na pressão exercida pela censura que impedia manifestações políticas e culturais daqueles que se confrontavam aos princípios políticos de um regime que, em nome de uma falsa democracia, exercia a opressão, como forma de reprimir ideias contrárias. Tal situação é demonstrada na obra fílmica que, embora de forma ficcional, tem base em fatos reais expressos no livro de mesmo nome, denominada por Maria Luiza Rodrigues Souza como um filme-arquivo, pois é a documentação de denúncia de fatos que foram omitidos de nossa história, mas que hoje pode contribuir para sua reconstituição.

A veracidade da crueldade narrada no livro é explicitada no filme em cenas fortes, que aproximam o espectador da realidade vivida naquele período por um protagonista que carregou consigo para o exílio (não somente no corpo, mas na mente que não conseguiu apagar as lembranças das torturas sofridas), os traumas que o levaram ao suicídio.

Assistir ao filme, observar os testemunhos da reportagem e ler o livro sobre os traumas sofridos e a resistência travada por supostos heróis de nossa história proporcionam o surgimento de uma visão crítica não somente em relação à trama que neles se desenrolam, mas também com referência ao contexto histórico no qual ela se passa, abrindo assim um leque de perspectivas para uma História, que ainda não nos foi contada pelos historiadores encarregados da missão de desvendar, na obscuridade dos fatos, a realidade ocorrida de maneira imparcial.

## 6. REFERÊNCIAS

- ARENDDT, Hannah. **Sobre a Violência**. Tradução de André Duarte. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- BETTO, Frei. **Batismo de sangue: guerrilha e morte de Carlos Marighella**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.
- BOSI, Alfredo. Narrativa e resistência. In: **Itinerário**, Araraquara, n 10, p. 11-27, 1996.
- CANDIDO, Antonio. A Verdade da Repressão. In: **Teresina etc.**, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- COUTINHO, Eduardo F. CARVALHAL, Tania Franco. **Literatura comparada: textos fundadores**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- EAGLETON, Terry. **Marxismo e crítica Literária**. Tradução de Matheu Corrêa. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- JAMESON, Fredric. A Lógica cultural do capitalismo tardio. In: **Pós-modernismo, a lógica cultural do capitalismo tardio**. São Paulo: Ática, 2004. p. 27-32.
- MAFFESOLI, Michel. **Dinâmica da violência**. Tradução de Cristina M. V. França. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, Edições Vértice, 1987.
- REIS, Livia. Testemunho e construção da memória. In: **Dossiê: Letras e Direitos Humanos**, n 33, p. 77-86, 2007.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma - A questão dos testemunhos de catástrofes históricas, 2008. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 65-82, 2008. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-56652008000100005](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652008000100005). Acesso em 10/08/2012
- \_\_\_\_\_. “Zeugnis” e “Testimonio”: um caso de intraduzibilidade de conceitos. In: **Letras**, n. 22, p.121-131, jan./jun. 2001.
- SOUZA, Maria Luzia Rodrigues. Filmes sobre a ditadura como arquivos especiais do trauma; **Batismo**

de sangue como filme-arquivo. In: **Ponto-e-vírgula**, n. 6, 2009. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/ponto-e-virgula/n6/indexn6.htm>>. Acesso em 16/08/2012.

## 7. FILMOGRAFIA

BATISMO de sangue. Direção de Helvécio Ratton. Belo Horizonte: Downtown Filmes, 2006. 1 DVD (110 min), NTSC, color.

BRASIL: o museu da tortura. Reportagem de Daniel Zanini H. Imagens e edição de Karine Batista. (157 min), color. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=jXRkJ6m01MQ>>. Acesso em: 23/08/2012.

MEMORIAL da resistência. Direção de Daniel Brazil. Produção de Marta Schneider. 2009. (94 min), color. Disponível em: <[http://www.youtube.com/watch?v=fkLXh\\_5rLmw](http://www.youtube.com/watch?v=fkLXh_5rLmw)>. Acesso em: 23/08/2012.